

A Partida

(Júlio B.)

1. Gentilmente Fora do Compasso

Porque perder... perder todos nós perdemos (perderemos) em alguns momentos de nossas vidas, assim como temos (teremos) êxitos em tantos outros. Perder não é (nunca foi) questão principal, é (sempre foi) só um dos resultados possíveis para as nossas buscas por objetivos, realizações, sentidos, otimismo. E eu o percebi (percebo) a tempo de apreciar (ainda aprecio) essa nova compreensão, essa nova dimensão do alcance do meu olhar, mesmo que o fim já fosse (é) inevitável.

O fim vem (virá) a galope, anunciado, consentido, e eu irei (sim, irei) embora. Não luto (nem lutarei) contra isso. É (sempre foi) como viver: até o melhor dos prazeres, uma hora, acaba (tudo sempre acaba).

2. A Derrota Revisitada

Perdi, perdi muito aqui, e nas tentativas mais cruciais nas quais me arrisquei (ainda me arrisco). Mas agora não considero (nem considerarei) mais desse modo. Levo menos em conta o resultado das batalhas e mais o esforço despendido, a não-obviedade dos caminhos, a criatividade dos métodos, o ímpeto otimista. Assim, vejo que assumi (assumo sempre) riscos, que archei (arco dignamente) com conseqüências, que joguei com o que tinha, que tentei enquanto tive força (ainda tenho e tento).

Pensando um instante de dentro, consegui sim satisfazer o que eu esperava (espero) de mim mesmo: exalar jardim afora o perfume que eu sabia que era (é) meu. E, encarando desse modo, as borboletas é que perderam (perdem) ao não deixarem tal fragrância inundar os seus pulmões tão apressados.

3. A Próxima Estação

Eu voava distraído, viajando por recantos menos interessantes do céu, sabendo que poderia voltar a qualquer hora para a constelação especial, e tudo estaria bem. O giro pela órbita de mais um planeta era tão longo. Era fim de ano. Mas os anos nem sabem disso. Nós é que soltamos fogos de artifícios, desejamos prosperidades, mudamos o número no calendário, prometemos que nesse novo ano tudo será diferente, mas o tempo que não cabe em relógios não liga a mínima. É só o instante posterior. E o próximo, e o próximo...

Muitos se lambuzam em promessas que nunca vão cumprir, mas eu, eu não me prometi nada. Só tomei a decisão mais acertada: a constelação especial era o meu lugar, era lá que eu deveria

ficar. E foi então que eu voltei pra lá. Ainda solitário, mas ainda um corpo celeste de brilho próprio numa constelação que me acolhia como se eu fosse nativo.

4. O Descuido e O Tombo

Mas, você sabe como é, até os corpos celestes estão inseridos em sistemas, e suas regras, e seus funcionamentos, e suas incoerências. A fase era boa, a cabeça nunca esteve tão boa, o corpo... bem, o corpo andava meio cansado, uma sonolência preguiçosa era quem ditava o ritmo, mas até que ia bem. Nem percebi quando o fim se anunciou (me atropelou). Foi um susto: não seria mais possível (viável) que eu ficasse ali. Mas era a constelação que eu sempre sonhara pra mim. Encaixava-se tão geometricamente em minhas formas. Era um crime eu precisar partir. Queria ficar. Justo quando eu tinha decidido ficar.

Mas alinhamentos cósmicos se formaram à minha revelia e desatenção, e eu não poderia mais ficar. Ah, a culpa não foi só do acaso. Foi culpa do acaso, do sistema, dos planetas, e principalmente da minha preguiça embriagada pelos prazeres da vida a meu modo naquela constelação que tanto me agradava.

5. A Implosão Anunciada

Eu teria (tenho) de ir embora, ou eu seria (serei) sugado para um buraco negro sem salvação. E, sempre em primeiro lugar, eu pensei (penso) em me salvar. Eu teria (tenho) de ir embora se não quisesse (e não quero) implodir. Nunca quis (nem quero) ser mais um mártir falido, ou uma dessas supernovas decadentes.

Eu teria (tenho) de ir embora, mas isso não era (penso ainda que não é) uma derrota. Era (será) só uma mudança, que trás (trará) consigo todas as chances de um novo lugar. Não era (não será) o fim do mundo. Era (será) o fim de uma fase. Quem sabe não haveria (haverá) um retorno?

Não, não era o fim de tudo. Mesmo assim eu sofri (sofro, sofrerei) cada detalhe. Fiquei de cama por dias e dias que nem precisaram ser contados, foram só passando e passando.

6. Por-do-sol

Levantei do meu leito de lamentações e remorsos, e decidi enfrentar o caminho que viesse durante aquele período de escuridão, confiante de que outro dia haveria (há) de nascer. Caminhos são sempre caminhos, e há toda a infinitude de possibilidades através deles.

Facilmente eu poderia (posso) imaginar recompensas para o sacrifício de abandonar a constelação na qual eu me sentia (sentirei de novo um dia) tão bem. Mas dali a pouco (ou agora mesmo) eu estava (estou) a desejar tais recompensas estando aqui mesmo, na minha querida constelação. Por que não? Por que eu não fui mais providente? Seria tão mais feliz assim.

Feliz. Adjetivo perigoso. Reflito várias vezes antes de escrevê-lo. Será que era isso mesmo o que eu queria (quero) dizer? Não gosto de gastá-lo. Só digo que estou feliz quando é

felicidade mesmo, aquele estado de sensação interna que é perda de tempo tentar explicar. Se é empolgação, digo empolgado. Se é satisfação, satisfeito. Contente. Grato. Tocado. Felicidade me é (sempre foi) rara demais pra ser banalizada. É como um cometa periódico, que só passa de muito em muito tempo.

E era chegada a hora de partir da minha constelação especial.

7. Até Logo

A despedida... não, não houve despedida. Eu disse que era um até logo. Mesmo assim os abraços foram longos demais. E eu me vesti com a camisa azul do Blur.

Era tudo especial demais. A minha constelação especial. Cada estrela ali presente, cada amigo. Se eu tivesse me permitido o mínimo melodrama, teria caído em prantos de como fui deixar tudo chegar naquele ponto! Eu queria ficar ali como um recém-nascido quer ficar no seio do qual se nutre, como uma planta quer ficar no solo do qual se ergue.

Mas eu precisava (preciso) partir, a bomba-relógio das minhas circunstâncias já apitava os últimos instantes antes da implosão. Encarei como se fosse um remédio ruim que eu precisava (preciso) tomar para me salvar. Uma vacina! Sim, uma vacina. É preciso se infectar de uma doença enfraquecida para que o organismo aprenda a vencê-la. Sim, tomei minha dose desse mal, e parti.

Mas, olhando pra trás, dando tchau pela janela do ônibus, senti um aperto no peito que não deixou dúvidas sobre o meu retorno futuro.

8. O Universo Inteiro

Houve um astro. Um astro que me machucou de verdade. A ferida continua aberta em minha mente, inclusive nesse instante que escrevo. Mas foi só mais um astro que não quis brilhar comigo. E isso não me foi novidade alguma. Só passei vontade, mas não levo aprendizado nenhum desse acontecimento.

Mas houve tanto mais, tanto mais. Ruas de possibilidades; louros da insistência; teste das fronteiras, de um lado e do outro; inquietação construtiva; amadurecimento natural e acelerado que expandiram meus horizontes para dentro e para fora; e estrelas e astros de uma constelação alternativa da qual eu poderia (posso, poderei) fazer parte. Eu volto, eu volto na próxima translação.

9. A Essência das Estrelas

Daquelas felicidades amorosas, lembro muito pouco, e de relances. Mas lembro muito claramente que fiquei feliz (sim, feliz) quando finalmente entendi de uma vez por todas que eu não era (não sou) um tolo (fútil), que eu também tenho a substância especial que tanto aprecio, e que, mesmo que sacrifícios fossem (sejam) necessários, eu precisava (preciso, ah, como preciso) ir a fundo nas coisas. É o que estou fazendo agora.